

**UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ – UVA
PRÓ-REITORIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA – PROED
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA DO CEARÁ**

NEYCIKELE SOTERO ARAÚJO

**“DE PASSO EM PASSO, CONHEÇA O SEU ESPAÇO”- O USO DA
HISTÓRIA LOCAL COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM
NAS AULAS DE HISTÓRIA**

SOBRAL – 2013

NEYCIKELE SOTERO ARAÚJO

**“DE PASSO EM PASSO, CONHEÇA O SEU ESPAÇO”- O USO DA
HISTÓRIA LOCAL COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM
NAS AULAS DE HISTÓRIA**

Artigo apresentado à Pró-Reitoria de Educação Continuada – PROED da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de História do Ceará.

Orientador: Prof. Me. Francisco Dênis Melo

FICHA CATALOGRÁFICA

ARAÚJO, Neycikele Sotero

“De passo em passo, conheça seu espaço” - o uso da história local como ferramenta de aprendizagem nas aulas de história/ Neycikele Sotero Araújo, Sobral, 2013.

Artigo de Especialização: Universidade Estadual do Acaraú – UVA.

29p. II. Inclui bibliografia.

I. Ensino. 2. História Local. 3. Memórias. 4. Chaval-CE

“DE PASSO EM PASSO, CONHEÇA O SEU ESPAÇO”- O USO DA HISTÓRIA LOCAL COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM NAS AULAS DE HISTÓRIA

RESUMO

Esse trabalho visa refletir sobre o ensinar e aprender história nos dias de hoje, utilizando a história local como ferramenta metodológica de aproximação dos alunos com a narrativa histórica, buscando desenvolver no aluno uma consciência crítica sobre o que está a sua volta e a importância da disciplina para sua formação como cidadão. A principal fonte utilizada para o desenvolvimento da pesquisa em história local foram as fontes orais coletadas através de entrevistas com os moradores da cidade de Chaval-CE.

Palavras-chave: Ensino. História Local. Memórias. Chaval-CE.

INTRODUÇÃO

Ninguém precisa aprender história só para conhecer o passado. Todos precisam aprender história para conhecer e agir no próprio mundo onde vivem. [...] significa saber como dialogar com outras pessoas que viveram em outras épocas e lugares, procurando conhecer como elas viveram, o que fizeram, por que fizeram, quais eram suas lutas e seu problemas. Isso pode ajudar a encontrar respostas para as nossas dúvidas [...] (SCHMIDT, 2009, p.11)

Aprender história nas escolas do Brasil, até a segunda metade da década de 1980, era memorizar nomes e fatos, um conhecimento gerado pelo acúmulo de informações contidas nos livros didáticos, uma história escrita apenas por heróis salvadores da pátria e que excluía qualquer forma de participação de agentes sociais “populares”, as figuras representadas sempre eram as dos dominantes. Esse “aprender história” tornava o aluno um mero espectador de fatos, não lhe provocava indagações, reflexões e críticas sobre o assunto estudado.

Para desvincular do ensinar história desse estigma de que história só serve para “decorar” fatos, e nada mais, foram surgindo novas metodologias que modificaram a forma de ensinar e aprender história, objetivando tornar o aluno agente ativo na construção desse fazer histórico. Conforme apontou Vilma Barbosa (2006, p.06)

[...] a renovação teórico-metodológica das novas abordagens historiográficas, em especial as derivadas da Escola dos Annales na França, da História Social na Inglaterra ou a Micro-história na Itália, e, a sua conseqüente introdução nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em História, estes conhecimentos, a passos lentos, têm sido incorporados no ensino fundamental e médio. [...]

A Nova História ampliou as possibilidades de ensinar e aprender história, abrindo espaço para novas fontes, métodos e sujeitos até então ausentes da narrativa histórica. Essas novas propostas estiveram presentes no planejamento dos currículos de ensino das escolas brasileiras. Em 1996 foi publicado a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB¹, que trouxe em suas propostas de currículo a inclusão do ensino de história local. A nova LDB propõe no artigo 26 que:

Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.²

A proposta do uso da história local como metodologia nos currículos escolares possibilita uma nova relação dos alunos com a história, levando-os a compreender inicialmente o seu universo social, a história da sua cidade, sua formação cultural e seus agentes históricos.

CABE MAIS UM NESSA HISTÓRIA? INSERINDO O ALUNO NA NARRATIVA HISTÓRICA

Sendo a história uma experiência humana, como pode ela ser taxada de disciplina “decoreba”? A resposta nos parece fácil. A disciplina de história, quase sempre, foi/é apresentada para os nossos alunos como algo distante, sem sentido, que não pode ser indagada, que já não cabem novos sujeitos e nem novas narrativas, tendo como início, meio e fim apenas “decorar” as datas e os nomes.

¹ A primeira LDB foi criada em 1961, e tinha como objetivo definir os fundamentos, estruturas e normatização do sistema educacional brasileiro. Em 1971 foi modificada por emendas e artigos e posteriormente substituída pela de 1996.

² BRASIL. LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. 6. Ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011.

A introdução da história local como método de aprendizagem mostra aos alunos o ensino de uma história viva, de uma história próxima, feita por sujeitos reais, que conseguiram em seu tempo e espaço transformar seu meio. Problematizar o conhecimento histórico “significa partir do pressuposto de que ensinar história é construir um diálogo entre o presente e o passado, e não reproduzir conhecimentos neutros e acabados sobre fatos que ocorreram em outras sociedades e outras épocas”. (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p. 52)

Fazer o aluno sentir-se participante ativo da história, facilita sua relação com a disciplina e rompe com essa visão retardatária que transformou o ensinar e aprender história em uma “coisa” cansativa, estranha e distante do mundo do aluno. Segundo Ecléa Bosí (2003, p.13)

A história que estudamos na escola não aborda o passado recente e pode parecer aos olhos do aluno uma sucessão unilinear de lutas de classes ou de tomadas de poder por diferentes forças. Ela afasta, como se fosse de menor importância, os aspectos do cotidiano [...]

Nesse caminho, com a aplicação da história local buscamos desmistificar a ideia de que apenas os heróis nacionais são agentes históricos, fazendo com que os alunos compreendam que eles mesmos, apesar, de serem cidadãos comuns também fazem História, que o tempo histórico está presente nas transformações do seu cotidiano. Consideramos, neste aspecto, as palavras de Vilma Barbosa (2006, p.29) sobre o uso da história local.

[...] a história local pode ser considerada como um recurso teórico-metodológico de abordagem [...] Trata-se da possibilidade de construção e de compreensão de um conhecimento histórico significativo e plural para o aluno, possibilitando aproximações cognitivas e concretas entre ele e o meio social em que vive e atua enquanto cidadão, articulado a outros espaços, outros grupos e outros tempos.

A narrativa histórica construída a partir da Nova História aceita novos sujeitos, novas fontes, novos métodos que ajudam a desenvolver no aluno a consciência crítica sobre o mundo a sua volta e compreender as transformações que ocorreram para que a sociedade se transformasse no que é hoje. Como nos afirma Isabel Barca (2000, p.58) “[...] narrar a história é compreender o outro no tempo. [...]”.

EM BUSCA DAS FONTES HISTÓRICAS PARA (RE)CONHECER A HISTÓRIA LOCAL

A cidade de Chaval³ assim como os demais municípios cearenses utiliza o ensino da história local timidamente, sendo estudado apenas em períodos de comemoração da emancipação política. Para alguns professores o maior vilão está na falta de fontes históricas para se trabalhar o assunto. Contudo, as fontes para conhecer e fazer a história local são inúmeras, podendo ser encontradas nos livros de ata da Câmara de Vereadores, nas leis orgânicas, nos códigos de postura, nos livros de memorialistas, nos arquivos particulares, em jornais, monumentos, fotos, entrevistas, músicas. O simples caminhar pela cidade nos levará a conhecer histórias, sujeitos e lugares antes invisíveis ao nosso olhar. Nesse sentido, Neidson Rodrigues (1992, p.43) nos faz refletir que:

[...] o cidadão, embora pertencendo à Nação, tem no município suas raízes. É nela que ele nasce, cria seus filhos, trabalha; a relação fundamental da vida do cidadão ocorre, portanto, no município. Então comecemos por ensinar nossos alunos a acompanhar os administradores municipais, em sua atuação política; comecemos por ensiná-los a conviver com a realidade concreta dos municípios, pelo conhecimento da vida política, administrativa, cultural e social de onde ele vive. Será através desse conhecimento que o cidadão poderá dimensionar sua real parcela de influência na transformação da realidade vivida. Tal envolvimento o levará à compreensão de sua importância e papel na transformação dos rumos da nação.

O estudo de campo possibilita ao aluno aproximação com seu espaço social e com o conhecimento histórico existente nele. Segundo Raphael Samuel (1990, p.02) a história esta sempre próxima de nós “[...] ela é encontrada dobrando a esquina e descendo a rua. [...]”. Assim, de passo em passo buscaremos as narrativas sobre a cidade de Chaval-CE e revelaremos personagens esquecidos pela história oficial, mas que estão presentes no cotidiano local.

3 Município localizado no norte do Ceará, distante 410 km da capital. Segundo censo do IBGE do ano de 2010 possui uma área de 238 km² e população de 12.615 habitantes. É conhecido por sua produção de sal e pelos seus gigantes monólitos, possuindo como bioma a caatinga. Limita-se ao norte e ao leste com o município de Barroquinha, ao sul com o município de Granja e ao oeste com o município de Luis Correia no estado do Piauí.

“DE PASSO EM PASSO CONHEÇA O SEU ESPAÇO”⁴ - CAMINHANDO POR CHAVAL-CE E REVELANDO SUAS HISTÓRIAS

Diferente da ocupação das principais vilas e povoados que movimentaram a economia da Capitania do Ceará através da criação do gado e por consequência a produção da carne de charque, o povoado de Chaval, só aparece nos documentos escritos no final da segunda metade do século XIX, estando localizado na região pertencente à vila de Granja. Segundo Caio Passos o local onde floresceria o povoado de Chaval era conhecido por Salgado do Iboacú⁵, e outrora fora habitado por índios Tremembés. Conforme nos informa Th. Pompeu Sobrinho (2012, p. 01-03)

[...] Habitavam os Tremembés as praias e estuários coberto de mangues dos rios do nordeste Brasil, desde a foz do rio Gurupí até a foz do rio Apodí, isto é, toda a costa dos atuais Estados do Maranhão, Piauí e Ceará. Quando os primeiros exploradores europeus perlongaram estas costas, ainda os Tremembés as percorriam na indicada extensão; mas no correr do século XVI essa área de dispersão experimentou um notável retraimento. [...] Os Tremembés expulsos pelas numerosas ordas tupis, seus inimigos irreconciliáveis, concentraram-se nas praias dos Lençóis, delta do Parnaíba e estuário dos rios Timonha, Camucim e Acaraú, que lhes proporcionavam abrigo relativamente seguro. [...]

Antes território ameríndio, hoje território mestiço. Os primeiros imigrantes que chegarem ao Salgado do Iboacú, segundo Pinho Pêssoa (1980, p.242), descendiam da família Carneiro da Cunha, que conduzida pelo padre Antônio Carneiro da Cunha Araújo, que possivelmente já conhecia o lugar devidos suas andanças pela freguesia de Amarração, iniciaram a povoação do local. De acordo com Pessoa (1980, p.242)

No dia 29 de março de 1866, o padre Antônio Carneiro da Cunha Araújo (viçosense, nascido no lugar João Ferreira) tomou posse como vigário da Freguesia de Santo Antônio do Iboacu, do município de Granja. Ingressando na política como Chefe do Partido Liberal, naquela região, conseguiu, graças à sua inteligência, cultura e prestígio, eleger-se Deputado, tendo atuação das mais

4 Projeto de Educação patrimonial desenvolvido pela Escola Estadual Mestre Nbola na cidade de Goiás/GO no ano de 2010. O projeto tinha como objetivo propor uma nova maneira de estudar o espaço geográfico e histórico da cidade de Goiás.

5 De acordo com Passos (1980, p.54) Iboacu era uma freguesia da vila de Granja, os padres que pertenciam a essa freguesia em suas andanças de catequização, chamavam a parte litorânea coberta por mangues de salgado do Iboacu, essa área compreende hoje o município de Chaval.

brilhantes na Assembleia Provincial. Com o passar do tempo tornou-se alvo das perseguições de seus adversários e, após sofrer amarga ingratidão de seus paroquianos, abandonou por volta de 1873 a então próspera vila de Iboaçú, mudando-se, com toda a família e os amigos mais chegados para um sítio pedregulhoso, na foz do rio Timonha. [...] ali foram improvisadas as moradias dos migrantes e levantada uma Capela sob a mesma invocação de Santo Antônio. Estava assim fundada a aldeia de Chaval.

No ensaio do historiador piauiense Renato Marques intitulado “Histórico sobre os limites do litoral do Piauí com o Ceará”⁶, a região de Amarração estava localizada no litoral da Província do Piauí, porém entregue ao abandono, tendo como primeiros moradores imigrantes vindos, provavelmente, de Camocim ou Iboaçú, que fugindo das secas e de áreas impróprias para a lavoura e criação de gado vacum, procuraram outras terras férteis. Por volta de 1823 já era constante as vistas de padres da vila de Granja ao povoado, realizando batizados e casamentos, além disso, os moradores de Amarração, cidadãos cearenses, pagavam seus tributos a esse município. No ano de 1865 o povoado de Amarração é elevado a categoria de distrito de Granja e em 1870, pela lei provincial nº1360, é criada freguesia de Nossa Senhora da Conceição d’Amarração. Mais tarde, em 1874, o distrito de Amarração, sob jurisdição do município de Granja, foi elevada à categoria de vila, oficializando assim a posse do território por parte da Província do Ceará. Com isso a Província do Piauí perdia uma parte significativa do seu litoral que ia da foz do rio Parnaíba até a foz do rio Timonha. Fatores econômicos fizeram com que a Província do Piauí reivindicasse seu território ocupado, nessa faixa litorânea seria construído um porto que lhe permitiria uma “relação direta com a metrópole portuguesa e demais mercados europeus” (PONTES, 2010, p.38). Porém, a questão só foi resolvida em definitivo depois de muitas negociações.

O Decreto nº 3.012, de 22 de outubro de 1880 regulamentou oficialmente os limites entre o Ceará e o Piauí, onde a Província do Ceará devolveu faixa litorânea almejada pelo Piauí, e em troca a Província do Piauí entregou dois dos seus municípios, Independência e Príncipe Imperial (hoje Crateús) que muito interessava ao Ceará.

Quando os limites entre as Províncias do Ceará e Piauí foram enfim definidos, a ocupação do Salgado do Iboaçú já havia acontecido, segundo Caio Passos (1980, p. 54) “o atual patrimônio do município, foi comprado pelo padre fundador pela quantia de seis mil oitocentos e cinquenta réis, moeda corrente na época, na data, Salgado do Iboaçú, termo de

⁶MARQUES, Renato Neves. *Histórico sobre os limites do litoral do Piauí com o Ceará*. Disponível em <<http://www.proparnaiba.com/artes/historico-sobre-os-limites-do-litoral-do-piaui-com-o-ceara.html>>.

Granja, em 9 de julho de 1874.”¹⁶. A referência dada ao “termo de Granja” significava o registro paroquial feito pela igreja como forma de cadastrar os donos de terras. Esse registro era previsto na Lei de Terras.

O local ocupado e depois comprado pelo padre Antônio Carneiro era reconhecido pelo Governo Imperial como terras devolutas, ou seja, terras públicas, que não haviam sido doadas por sesmaria e nem ocupadas por posseiros para plantação. No ano de 1873 as posses das terras no Brasil já não eram mais feitas através de sesmarias. Durante o Império foi criada a Lei n. 601 de 1850, conhecida como Lei de Terras que modificou a distribuição de terras no país, de acordo com Araújo (2011, p.6) onde “ao contrário do regime sesmaria, a posse pressupunha a exploração da terra para depois vir o reconhecimento legal estatal da situação”¹⁷. Foi exatamente isso que ocorreu com a ocupação do Salgado do Iboçu pelo padre Antônio Carneiro e seus familiares, primeiro fixaram-se no local, construindo casas, produzindo plantações e salinas, e depois compraram as terras.

Com o uso metodologia de história local podemos abordar os assuntos referentes a conjuntura nacional e mundial sem deixar o aluno distante no tempo e no espaço. A história local do município de Chaval é pouco estudada e conhecida por boa parte de sua população; ignoram como tudo começou, apenas sabem que foram parar ali. É essa falta de indagação, de curiosidade, de crítica que leva o ensino de história a categoria de “disciplina chata”. É preciso buscar outros métodos para ensinar e aprender história, é preciso buscar outras fontes para se conhecer a história da cidade. Como sugere Lana Siman (2008, p.242) é preciso indaga-la.

[...] Quais são as ruas, os lugares, as horas do dia e da noite em que os sujeitos tecem fios de outros caminhos e histórias, pouco visualizados por aqueles que chegam com mapas e livros nas mãos? Ou por aqueles que chegam de mãos vazias? Quem são esses sujeitos que podem ajudar a nos perder em caminhos já traçados? O que eles nos dão a ver, escutar e refletir – mesmo sem ter a intenção de fazê-lo – ao narrarem sobre os *labirintos* da história da cidade? E de que forma o fazem, com que linguagem, com quais imagens, indícios, interjeições, silêncios e esquecimentos?

Nunca se pensou tentar reescrever outra história da cidade. O livro que os alunos utilizam para pesquisar sobre a história de Chaval foi publicado em 1980 pelo jornalista viçosense Caio Passos, intitulado *Monsenhor José Carneiro da Cunha – sua vida e sua obra*. O seguinte livro traz uma narrativa que exalta a figura dos padres Antônio Carneiro e

José Carneiro e esquece os outros sujeitos históricos que contribuíram para a formação e desenvolvimento do local. Sempre, todos os anos, se lê e se escreve a mesma história. Mas onde estão as dúvidas dos estudantes? A história não está morta, sempre dá para fazer outra leitura da cidade. Porque não começar a escrever a história da cidade através dos habitantes nativos da região, os índios Trembembés, que apesar do massacre, ainda habitam terras cearenses? Ou/e através das narrativas históricas de pessoas comuns que participaram do processo de desenvolvimento da cidade? Onde estão os trabalhadores que ergueram a igreja nos anos 1940-1950? Onde estão os trabalhadores das salinas que ajudaram no crescimento econômico da cidade? Onde estão os pescadores que passam várias noites no mar para pescar os peixes que abastecem as mesas dos chavalenses? Onde estão os professores que ajudaram na educação da população? Onde estão as crianças que corriam e brincavam nas ruas da cidade? Onde estão essas memórias? Até nos atrevemos a responder: estão guardadas dentro das casas, dos álbuns de fotografias, estão à mostra nas ruas da cidade, em meio às conversas diárias nas calçadas, estão nas redes de pesca, estão nos armazéns de sal no cais do porto, todas esperando alguém que queira lhes ouvir. E assim o fizemos.

No trabalho de campo buscamos memórias de alguns moradores de Chaval, que nos ajudaram a recontar a história da cidade através do tripé que envolve sociedade, política e cultura, fatores essenciais para compreensão da história de qualquer país, estado ou município.

O trabalho com a história local nos possibilita dialogar também com outras disciplinas, como o português, a literatura, a sociologia, a filosofia e a geografia, além de nos permitir utilizar as várias fontes existentes dentro da nossa própria casa como os álbuns de família, as cartas, as memórias de nossos pais, de nossos avós, assim como as encontradas nas ruas da cidade como nos aponta Ricardo Oriá (2000, p. 246)

[...] consideramos que a história de um lugar pode ser evidenciada, percebida e contada de inúmeras formas. Basta que estejamos atentos para ler o traçado de suas ruas, a denominação dada a elas, as estatuas, bustos e monumentos que estão localizados nas praças públicas e parques.

Segundo Antônio Batista (2008, p.18) “cada indivíduo possui ou elabora a sua versão dos fatos, de acordo com o modo com que ele os vivenciou ou de acordo com os mais variados fatores que o influenciam [...]”. Isso foi o que nos aconteceu, em meio as várias

entrevistas, nos deparemos com várias histórias da mesma cidade, cada entrevistado ao narrar a sua história; como ela surgiu e como ela se desenvolveu, a conta de uma forma muito particular, as vezes ignorando as datas, mas não do contexto, dos detalhes. Dentre as memórias colhidas temos narrativas de ex-professores, ex-veredores, donos de salinas, ex-trabalhadores das salinas e moageiras, comerciantes, agricultores, sindicalistas e escritores.

Para colhermos as fontes orais, primeiro construímos um roteiro com algumas perguntas chaves sobre a cidade, por exemplo: como era a cidade no seu tempo de criança e adolescência, quais eram os locais de diversão, como a cidade se desenvolveu aos seus olhos, o que eles conhecem sobre a história “oficial” da cidade.

Nosso primeiro entrevistado foi o senhor Humberto Carneiro, um morador da cidade há 68 anos. Ele começa sua narrativa histórica da cidade dizendo:

Chaval era uma cidade pequena, quando eu tinha em torno de oito anos chegou o primeiro pároco para Chaval, que era monsenhor Carneiro, tem até o busto dele na praça da frente da igreja. [...] O Monsenhor veio pra cá, deixou de ser vigário em Tianguá, pra ser em Viçosa, depois de Viçosa veio pra cá. Ele era muito bem quisto em Viçosa, passou muitos anos. [...]. Quando o padre Antonio Carneiro se mudou pra cá, ele veio as almas, pegou uma canoa, subiu isso aqui e veio pra cá. Aportaram aqui. A primeira casa que ele se hospedou foi aqui no bosque. Foram os pessoal que vieram de lá que nomearam de bosque, porque realmente era um lugar meio esquisito. E ele morava lá com os pais dele. O padre já velhinho, tomando um banho de sol, e os adversários políticos mandava ele ir lá insultar com o pobre do velho (risos). Ai o padre Antônio Carneiro descobriu que ele tava insultando. Devia ser bastante velho né? Porque nem contar não sabia, não contava para o padre Antônio Carneiro, e os amigos também viam e tudo. Ele chegou lá com um chiqueirador e meteu o chiqueirador no escravo, mandado pelo senhor dele. Tem esse episódio ainda. Que eu gostava de sentar na calçada conversando com o meu pai.⁷

Suas lembranças da infância se iniciam já com oitos anos, e ao mesmo tempo se misturam com as lembranças de seu pai, que lhe contava histórias sobre a origem da cidade. Para senhor Humberto os dois padres, o padre Antonio Carneiro da Cunha Araújo, que comprou as terras do povoado de Chaval, e o monsenhor José Carneiro da Cunha, sobrinho do padre Antônio e indicado por muitos como grande bem feitor do município, são os dois personagens históricos que dão início e desenvolvimento a cidade, o tempo histórico vivido pelos padres compreendem o início do Brasil Império e República Velha, refletindo no desenvolvimento da cidade os acontecimentos desses período.

⁷ Humberto Thiers Carneiro, 78 anos, químico e proprietário de salina. Entrevista concedida em 15 de nov. de 2011. Chaval-CE.

Prosseguindo com suas memórias, o senhor Humberto nos fala sobre o desenvolvimento urbano da cidade, suas primeiras casas, suas primeiras ruas, seu primeiro prefeito.

Bem, a cidade era pequena, o primeiro prefeito foi eleito com cento e pouco votos. O primeiro prefeito aqui da cidade foi o Chico Thiers, meu irmão. E era pequena a cidade, a cidade cresceu muito, cresceu pra esse lado aqui, que é o baiacu, cresceu pro açude, pra aquele lado do açude, cresceu lá pra caçamba, cresceu pra todo lado. Aqui mesmo, nessa rua, só tinha duas casas ali, no tempo em que eu era adolescente. Hoje tá cheia, tem a ponte ali pelo salgado. [...] A primeira casa de tijolo, foi feita aqui ... na casa onde a Ana mora é feita de tijolo cru, ali essas casas pra esse lado ali era tudo de tijolo cru. As principais casas aqui eram feitas de tijolo cru. E a madeira pra queimar esses tijolos, tava bem aí no alto da igreja, aqui no açude velho, aqui no açudinho, tudo era mato aqui. A primeira casa de alvenaria, ou seja, o primeiro começo de rua, foi feito nesse terreno. Nessa área aqui. A frente velha quem derribou foi eu. Ali na frente da casa da Erika tinha uma frente com quatro portas, de tijolo cru. Existiu não sei como, eu sei que quando eu me entendi já tinha aquela frente velha, só a frente. E o corpo da casa era pra cá, foi aonde o padre Antônio Carneiro, primeiro morou.⁸

Sábias as palavras de Bosi (1994, p.452.) quando fala que “podem arrasar as casas, mudar o curso das ruas; as pedras mudam de lugar, mas como destruir os vínculos com que os homens se ligavam a elas?”. As memórias estão aí para recompor esse local já modificado pelo tempo, mas, intacto nas lembranças. Ao Andarmos pelas ruas do bairro do Bosque, depois da narrativa feita por senhor Humberto, “[...] nós começamos a enxergar nas ruas o que nunca viríamos, mas nos contaram [...]” (BOSI, 2003, p. 73-74)

O senhor Raimundo Flor Felisberto dos Santos, conhecido popularmente como Goiabeiro, nos fala da Chaval dos anos 1940, quando ele veio morar na cidade junto com o padre José Carneiro da Cunha, ele era filho de criação do padre. O senhor Goiabeiro nos apresenta uma Chaval ainda pouco desenvolvida, nessa época Chaval não pertencia mais ao município de Granja, tinha se tornado distrito de Camocim.

Quando cheguei aqui era muitas casas. Aqui nesse bairro não tinha casa não. [...] tinha apenas uma casa do finado Gonçalves Henrique [...] Em 1939 ... em 40 nós já tava aqui. [...] só tinha casa da prefeitura pra cá, que dizer pra lá. Pra cá não tinha nada não. [...] Só mato isso daqui todinho. Daqui até o porto, a gente andava era perdido por aí. [...] Aqui tinha rua não, aqui não tinha nada não, era só o caminho, só passava gado aí. [...] Tudo era mato, mato mesmo, mufumbo com mameleiro, só o puro. Antigamente não existia carvão, e quando faltava lenha a

⁸ Humberto Thiers Carneiro, 78 anos, químico e proprietário de salina. Entrevista concedida em 15 de nov. de 2011. Chaval-CE.

gente vinha era cortar. [...] Aqui era Santa Helena o nome desse lugar aqui (bairro). [...]⁹

Ouvindo a cidade por outras memórias, por outras bocas, encontramos o senhor Antônio Firmino, homem simples, que sempre morou em Chaval. Suas lembranças relembram os problemas de falta de água na cidade:

Me lembro da, em cinquenta e oito teve uma seca aqui em Chaval, que eu com idade de dez ano, eu ia buscar água no Retiro, trazia uma lata na cabeça. Até um dia, nós vinha do Retiro, muita gente, cada qual com uma lata na cabeça cheia d'água. Quando chegou no Alto do Tambor, aí deu uma chuva, uma chuva. Aí todo mundo derramou a água e correndo pra cá, pro Chaval, quando chegamos aqui, a chuva não passou nem aqui. Nesse tempo, comida tinha, a dificuldade era a água.¹⁰

Segundo Caio Passos (1980, p.54), devido a seca de 1877 que atingiu toda a Capitania do Ceará, o padre Antônio Carneiro resolve pedir junto as autoridades imperiais na Capital da Província, Fortaleza, ajuda para construção de açudes no povoado, sendo construído dois açudes pequenos, denominados Cruzeiro e Oliveira. Posteriormente, por volta dos anos 50 do século XX, Monsenhor Carneiro e os demais administradores da cidade se preocupariam em angariar recursos para construção de outros açudes na cidade.

As memórias de infância, sempre são as melhores, mas também um tanto nostálgicas. O senhor Antônio Duarte, ao lembrar o seu “tempo de menino” nos narra como chegou à cidade e como a viu crescer entre momentos de glória e momentos de calamidade.

Primeiro vou falar da minha infância, que foi uma infância que não me deixou saudade, por o motivo que eu não tive tempo de brincar. Eu fiquei sem mãe quatro anos e meio, no município de Ibuçu, no município de Granja, e de lá viemos embora em cinquenta e um, Barroquinha fomos até Bitupitá, voltamos em cinquenta e oito, acompanhei, meu pai acompanhou trabalhando na estrada até Camurupim, estrada do Piauí, e lá o inverno chegou, acabou-se e nós ficamos por lá. Em agosto de cinquenta e nove, nós viemos o festejo de Barroquinha, que é conhecido, dia quatorze de agosto é a última novena lá em Barroquinha. Quando nós voltamos, retornamos para o Piauí, chegamos aqui em Chaval a mulher do meu pai não quis mais ir pra lá, ficamos aqui em Chaval, e nós voltamos pra lá só pra buscar as coisas. Então, no dia vinte de agosto de cinquenta e nove, chegamos aqui, e aqui ficamos, e ainda hoje estou aqui. [...] depois eu me casei com uma

9 Raimundo Flor Felisberto dos Santos, 86 anos, aposentado. Entrevista concedida em 08 de set. de 2012. Chaval-CE.

10 Antônio Firmino da Costa, 63 anos, ex-salineiro e servidor público. Entrevista concedida em 12 de nov. de 2012. Chaval-CE.

filha de Chaval, que é conhecida como Maria de Lurdes Lira. [...] Mais daí pra cá a gente, a cidade foi crescendo, quando eu cheguei aqui não tinha nem praça, apenas um alicerce ali onde hoje é a praça central. [...] A ponte mais velha que foi feita aqui foi a do Retiro, a extrema, a divisa Piauí com o Ceará, essa foi a mais velha, foi construída, não recordo o período, mas foi em uma faixa aí de sessenta e pouco, que ela foi construída, sessenta e oito, por aí assim. Agora essa daqui foi programada, fizeram a ponte, mas não foi, não emendarão, a gente passava de canoa. Em sessenta e quatro a gente pegava quatro, cinco transporte daqui a Camocim, porque quebrava as estradas, onde tinha bueiro quebrava. A gente pegava um daqui pra ponte, outro da ponte pra Barroquinha, um da Barroquinha pra o Jatobá, do Jatobá pegava outro do Jatobá pra canoa, da canoa pegava outro pra chegar em Camocim. Eram uns quatro a cinco transporte que a gente pegava. Quando não queriam ir pelo arrudeio, pelo um lugar chamado Raposa, que era lá no final. Então a gente arrudiava e saía lá no Mucambo, passava pelo finado Zé Teles, aí era a saída lá. Depois que fizeram a ponte, a gente ficou passando por aqui mesmo, de canoa. Ai quando foi no período, eu acho que de setenta e dois, setenta e dois por aí assim aí foi que emendaram, aí foi que emendaram as cabeças das pontes aí fico assim.¹¹

A família do senhor Antônio Duarte chegou na cidade em 1959, Chaval continuava a receber imigrantes que andavam em busca de melhores condições de vida. Como os primeiro moradores, a família do senhor Antônio Duarte também veio do povoado de Ibaçu, aqui também, fixaram suas raízes e viram a cidade ganhar forma com os passar dos anos.

As memórias do senhor Antônio Firmino e do senhor José Ilson também dão conta da dificuldade para sair da cidade antes da construção das duas pontes, a ponte do Lima, que dá acesso a cidade de Camocim, e a ponte do distrito Retiro, que dá acesso ao Estado do Piauí.

[...] Chaval era uma ilha, uma ilha. Pra gente ir pra Camocim tinha que passar o rio, pra ir pra Parnaíba, tinha que passar outro rio. Ai era uma ilha. Muitas pessoas que iam doentes pra Camocim ou pra Parnaíba, as vezes morria a minguá antes de chegar em Camocim, porque a dificuldade era demais pra sair do local.¹²

Depois que fizeram a ponte foi que apareceu as bicicletas, antes não tinha não, era só o cavalo. [...] o caminho era feito de piçarra até na casa do pai da Zelia, o finado Mané Inácio, que era lá culá onde tem o pé de pau, igual ao matadouro, tem um pé de pau lá grande, aí o papai deixava o cavalo amarrado lá, aí nós ia e atravessava na canoa. Aí quando passava um pedaço nós voltava de novo. [...] Quando a maré tava seca nós atravessava a pé e a cavalo. Aí quando ela tava enchendo aqui, que já tava assim meia alta, tinha um velho que passava na canoa, o nome dele era Chico Flor, o papai dizia assim [...] : - “Ei Chico Fulô, vem passar nós”. Aí ele: - “Eu to almoçando, não vou agora não”. E o mosquito inteme de matar nós. A casa dele era ali em cima daquela pedra, era uma casinha de palha, naquele mesmo lugar, era mais pra trás um pouquinho, bem naquela

11 Antônio Duarte da Silva, 65 anos, ex-salineiro e servidor público. Entrevista concedida em 13 de nov. de 2012.

12 Antônio Firmino da Costa, 63 anos, ex-salineiro e servidor público. Entrevista concedida em 12 de nov. de 2011. Chaval-CE.

casinha ali que tem do Carro Zeca. De lá nós gritava. [...] Era uma canoa pequenininha, com seis pessoa a bicha fica enteme de beber água [...] Aí quando o papai disse: - “A Chico Fulô o governo já tá arrumando aí um projeto que vai já fazer a ponte e piçarra e vai acabar esse teu feitio da gente ta te chamando e tu dizendo espera aí”. Aí ele dizia assim: - “É rapaz isso é quando as galinhas criar dente”. [...] Quando fizeram a ponte ele foi se embora de lá, que a vida dele era atravessar as pessoas na canoa. [...] Quando o papai não vinha por lá, ele vinha por aqui pelo porto do mosquito. [...] Quem atravessava nós aqui era um velho chamado Raimundo Severiano, que era o pai do Mardona. A gente deixava os animados amarrados lá debaixo de umas carnaubeiras. Aí quando a gente chegava ali batia no sino, a casa dele era onde tem aqueles pé de cajueiro, ali de frente a barraca do Pedro Cazuza, aí ele ia passar a gente também. Tinha duas forquilhas lá, aí tinha um sino com um badalo e uma corda. A gente puxava, aí o sino tocava e ele ia passar a gente.¹³

Segundo Ecléa Bosi (2003, p.70) “cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que são pontos de amarração de sua história”. A cidade crescia, recebia novos moradores, aumentava sua população e exigia um lugar urbanizado, que atendesse as necessidades básicas do ir e vir. A canoa e o cavalo, principal meio de transporte, com a construção da ponte deram lugar as bicicletas e os carros.

Com pesquisas feitas através de fontes orais conseguimos que os alunos compreendam como a narrativa histórica é construída. Cada entrevistado fala da Chaval de seu tempo, reconstroem suas memórias ancoradas em algum objeto que dão suporte as suas lembranças.

Dona Socorro Araújo, ex-professora, nos conta sobre seus estudos na cidade, seu tempo de escola. Em meio as lembranças ela nos fala das Escolas Reunidas, que era um modelo de escola que durante um bom tempo foi predominante no país. As Escolas Reunidas eram a junção de três ou mais escolas em um mesmo espaço e sob uma mesma direção, dessa forma o Estado teria um baixo custo nos alugues dos prédios onde funcionavam as escolas.

Eu comecei a estudar ali na casa da, que lá só tem os filhos, que já faleceu o José da Lala e a Lala. Ali era uma escola, antes deles morar. A professora era a dona Toinha Carneiro, aí comecei a estudar lá, de lá saímos e fomos para o grupo, que hoje é escola Monsenhor Carneiro, lá era um grupo e de lá eu fiz até o quinto ano, no grupo, aí depois do grupo passou pra escolas reunidas, aí depois eu sai e começou ser a escola Monsenhor Carneiro. Aí de lá eu deixei de estudar, com os tempos fui a Sobral, fiz o curso de primeiro grau, e de lá depois com o tempo, em oitenta, oitenta e um eu fui fazer o vestibular em Sobral, aí terminamos a

13 José Ilson Sotero de Araújo, 58 anos, ex-salineiro e comerciante. Entrevista concedida em 31 de dez. de 2012. Chaval-CE.

faculdade em oitenta e quatro. Eu lecionei foi na escola, era da prefeitura, dada pelo Epitácio, o prefeito era o Epitácio Brito de Oliveira, era o prefeito, aí fiquei, aí outros foi entrando, e eu lecionei ainda dezesseis anos.¹⁴

Em um artigo publicado na Revista do Instituto do Ceará no ano de 1911, o padre Vicente Martins nos fala da existência de uma escola pública no povoado de Chaval, segundo seu relato:

Na cidade de Granja existe quatro escolas publicas primarias, duas do sexo masculino e duas do sexo femenino, funcionando em prédios particulares e algumas completamente destituidas dos utencilios necessários para o funcionamento das aulas, como sejam globos e mappas geographicos e carteiras escolares. [...] Pelo interior encontram-se ainda duas escolas publicas, uma na povoação do Chaval, outra no Riachão. [...]¹⁵

Essas escolas tinham como principais objetivos apenas ensinar os alunos a ler e contar, raramente era ensinado o latim. Pelas condições da época eram poucas crianças que frequentavam a escola. Até hoje, há muito moradores da cidade que apenas sabem escrever seu nome, somar e lê, com muitas dificuldades, algumas palavras.

Uma das atividades pioneiras na cidade, que movimentou inicialmente a economia local foi a produção de sal, a cidade é rodeada por salinas onde, até hoje, são produzidas o “ouro branco” nordestino. Segundo Santos (2011, p.60)

[...] O Porto, juntamente com a Estrada de Ferro de Sobral, eram responsáveis, entre os anos 20 a 50, pela exportação de grande parte da produção de matérias-primas da Zona Norte do Estado, como também da importação de produtos de outras regiões do Ceará e do Brasil. Por estas duas vias de escoamento da produção saíam o sal de Camocim e Chaval, o charque das oficinas de Sobral e Granja, a farinha de Crateús, o boi em pé, a castanha de caju, a carnaúba e o algodão de toda a região.

O padre Vicente Martins também nos fala do porto de Chaval, lugar essencial para escoar o sal produzido no povoado, que na época ainda pertencia a jurisdição de Granja.

14 Maria de Socorro de Araújo, 68 anos, professora aposentada. Entrevista concedida em 15 de nov. de 2011. Chaval-CE.

15 MARTINS, Padre Vicente. *Noticia historico-chorographica da comarca de Ganja*. 1911, p.28-29. Disponível em: <http://www.institutodoceara.org.br/asp/index.php?option=com_wrapper&view=wrapper&Itemid=615>.

Granja [...] possui dois pequenos portos ou ancoradouros, o do Chaval e o de Granja. [...] o do Chaval no rio Ubatuba, a 6 leguas da Barra de Timonha, é frequentado pro hiates e barcaças, que ahi vão fazer carregamento de sal para Pernambuco e Parnahyba, única fonte de riqueza desse districto. (MARTINS, 1911, p.08-09)

Os registros referentes ao uso do sal remota há cinco mil anos, o mineral já era conhecido pelas civilizações mais antigas, graças as suas múltiplas utilizações. Um dos exemplos históricos mais conhecidos figura o costume romano de pagar em sal parte da remuneração dos soldados, o que deu origem à palavra salário. Segundo alguns pesquisadores a técnica de mineração só começou a se desenvolver na Idade Média.

No Brasil, a população que tinha acesso ao sal gratuito e abundante, foi obrigada a consumir o produto caro da metrópole; como Portugal possuía salinas tratou de exportar seu sal para as colônias e de proibir não apenas a extração local, como o aproveitamento das salinas naturais. No final do século XVII, quando a expansão da pecuária e a mineração de ouro aumentaram demais a demanda, a Coroa, incapaz de garantir o abastecimento, permitiu o uso do sal brasileiro, desde que comercializado por contratadores. As primeiras salinas artificiais começaram a funcionar no Brasil depois da independência, e o monopólio salineiro ainda perdurou por todo o século XIX, e só foi completamente extinto depois da Proclamação da República. Em sua pesquisa sobre a indústria do sal, Vingt-Um Rosado nos explica porque o nordeste é a região brasileira que mais produz esse minério.

[...] o Nordeste, situado a baixa latitude – menos de 10° -, tem uma grande insolação, de longos períodos anuais de estio [...] e de uma área de clima semi-árido que chega até ao litoral [...] se estende até o litoral do Rio Grande do Norte, do Ceará e do Piauí, contribuindo para o alto teor de salinidade da água marinha e para a produção natural do sal nas costas baixas e nos estuários que são afogados durante as marés altas e as cheias dos rios. [...] as áreas produtoras mais importantes se localizam no Rio Grande do Norte, sobretudo nas várzeas dos rios Piranhas-Açu e Apodi-Mossoró, no Ceará nas várzeas do Jaguaribe e do Acaraú e no Piauí nas proximidades da foz do Parnaíba. [...] (ROSADO, 2012, p.13)

O senhor Goiabeiro em sua narrativa sobre a ocupação das terras que hoje formam o município de Chaval, nos conta que um dos motivos que fez o padre Antonio Carneiro e sua família fixar morada no lugar foi o conhecimento que ele tinha sobre a fabricação do sal.

[...] ele veio lá de Ibuassu pra cá [...] o padre Antonio Carneiro é tio do meu padrinho. [...] veio lá de Ibuassu, passou por Pitibú, pegou por lá culá tudo, todo

tempo medindo as terras, lá onde ta vindo essa água hoje, fica lá perto da Timonha, por lá tudo foi passado a trena, aqui ficou Arara, ficou tudo traçado. Quando ele chegou aqui, no final dessa água aí, ele não sabia. – “Aí menino que água é essa aqui?”. Quando foi provar a água era salgada. – “Rapaz que água salgada”. Mas ele, porque já estudava mesmo, tinha a experiência de saber, de entender o que era. – “Aqui é água da maré, água do mar, água salgada”. Cavaram umas terras assim, cavaram, cavaram e ela criou água aqui dentro, quando foi com três dias tava com uma riba de sal. – “A rapaz vai dá sal aqui, vamos fazer sal”. Aí pegaram a fazer. [...]

Nas memórias sobre a produção de sal na cidade, encontramos narrativas distintas, na primeira temos as memórias do senhor Humberto, que veio de uma família produtora de sal, e nos conta o lado empresarial das salinas, como era feita comercialização do produto para as demais regiões.

A nossa economia aqui, a principal, a nossa economia era o sal. Lavoura praticamente não tinha, só fazia a plantação de subsistência para alimentar aquela própria família que constrói. As salinas daqui não tinham influência lá em Camocim, não. Lá em Camocim tinha a sua produção, a sua própria comercialização, assim como Chaval. A nossa vai pro Piauí, pro Maranhão. São praticamente abastecidas por aqui. Aqui e em Camocim. Porque Fortaleza tinha muitas salinas, salinas até grandes. Já aqui, a nossa, ia para o norte, ou seja, o Piauí, Maranhão, Pará e ia até o Amazonas. Quando o meu pai morreu, eu recebi uma carta de um senhor de Jeriqua ... de lá perto de Manaus, uma cidade parecida com a de Jeriquaquara, é eu não me lembro bem o nome não, porque eu nunca tive negócio por lá. Ele, dirigida a meu pai, como vinha com o meu endereço. Então, eu recebi a carta e respondi pra ele também. Ele pediu cotação de sal. Meu pai vendia para todo o Pará, pra Manaus [...]¹⁶

Na segunda narrativa, temos as memórias do senhor Antônio Firmino e do senhor José Ison, que nos conta o outro lado da produção do sal, a experiência de quem derramou muito suor trabalhando na extração e moagem do produto.

Passei oito anos trabalhando nas salinas. Riscava o sal, quebrava e fazia os montes. Aí faz o monte de sal dentro do balde, que se dá o nome de balde. Aí quando fizer os montes, tira na mala, na saca, carregando no ombro, lá pra cima do aterro. Portanto, quando a gente termina de botar aquele derradeiro sal, tá com o espinhaço todo lavado de sal.¹⁷

16 Humberto Thiers Carneiro, 78 anos, químico e proprietário de salina. Entrevista concedida em 15 de nov. de 2011. Chaval-CE.

17 Antônio Firmino da Costa, 63 anos, ex-salineiro e servidor público. Entrevista concedida em 12 de nov. de 2011. Chaval-CE.

[...] a salina ficava lá na muriçoca, lá do outro lado dá maré [...] Eu ainda carreguei navio duas vezes de sal [...] Foi em 1977, 76 ... 78, por aí assim. O sal ficava lá, os navios pegavam um bocado nesse tempo, e o outro eles traziam pra cá pra moer, traziam mais era de carro, de carro não, de bote. [...] o sal ia pra Belém. [...] Quando era pra encher os navios a gente tirava dos coador e colocava lá no local lá, a ruma bem grandona, bem altona, aí quando os navios chegava começava a carregar uma sete hora da manhã e ia terminar de madrugada. O navio era de fora, era uma firma que comprava. O nome dele era um tal de Dois de Ouro, o outro era Vagão, era só esses dois. Nesse tempo eles carregavam mais era em bote e em canoa, canoa grande. Trazia da salina, vinha pela maré e encostava aí no porto e descarregava. Eu descarreguei bote nesse porto aí. Eu vinha lá de casa pra descarregar nas malas. As malas eram umas saquinhas assim desse tamanho, de palha. Aí enche as malas e colocava no ombro da gente. Um enchia, dois pegava e colocava no ombro da gente. [...]

Em toda relação de trabalho, existe momentos de organização da classe trabalhadora, que objetiva assegurar seus direitos e deveres. Dessas organizações surgem os sindicatos, local onde os trabalhadores se reúnem para debater os interesses da classe. Não diferente das demais regiões e cidades do Brasil, a pequena cidade de Chaval, no interior do Ceará, também teve, e ainda tem, organizações sindicais. Segundo o senhor Humberto Carneiro:

[...] o primeiro sindicato aqui foi a estiva, foi criado pelo Monsenhor Carneiro [...] Aqui tinha estivadores já, mas eles iam trabalhar em Camocim. O sindicato de Camocim controlava a estiva daqui. [...] Lá também quando vinham navios, os daqui iam trabalhar lá. Às vezes trabalhavam mais lá do que aqui e aqui tinha mais navio do que lá. A venda de sal em Camocim era relativamente menor, por que aqui tinha a parte do Ceará e do Piauí, tinha mais produção de sal [...]. E lá era só Camocim, depois que construíram uma grande salina Martinele, maior que a Santa Simone e ficou a produção de lá maior do que a daqui. [...]¹⁸

Estivadores era a função dada aos homens que trabalhavam carregando e descarregando os navios. O sindicato citado pelo senhor Humberto Carneiro foi criado na década de 1950, nesse período Chaval ainda fazia parte do território de Camocim. Treze anos depois, os trabalhadores das salinas também se organizaram em forma de sindicato e criaram na década de 1960 o Sindicato dos Salineiros da Extração de Sal de Chaval, assim nos conta o senhor Antonio Duarte:

18 Humberto Thiers Carneiro, 78 anos, químico e proprietário de salina. Entrevista concedida em 15 de nov. de 2011. Chaval-CE.

[...] faço parte do sindicato dos salineiros da extração do sal de Chaval. Sou até do conselho fiscal, desde da época de Emanoel Ezidio Veras, que era presidente, eu também fui vice presidente dele, do Nezim, depois passei a ser o membro do conselho fiscal, eu era o segundo membro [...] Ele foi construído em 63, o sindicato. Eu sou associado desde essa época, mas comecei a trabalhar em 66. [...]

A indústria do sal trouxe certo desenvolvimento para a cidade, e com esse desenvolvimento veio o interesse de alguns populares pela emancipação do local. Segundo Caio Passos (1980, p.60) o padre, agora Monsenhor Carneiro da Cunha, mantinha laços de amizade, e também políticos, com Murilo Rocha Aguiar, Deputado Estadual natural de Camocim, em uma de suas conversas, solicitou ao amigo Deputado que ele, junto a Assembleia Legislativa do Ceará, lançasse um projeto de lei que emancipasse Chaval.

Segundo Mozart Aderaldo (1951, p.01), o então Estado Novo, comandado por Getúlio Vargas, baixou o decreto-lei federal nº311, de 02 de março de 1938, que dispunha sobre a divisão territorial do país, onde ficou estabelecido, no artigo 16, que somente por leis gerais quinquenais poderia modificar quadro territorial – administrativo, jurídico e policial – de qualquer unidade da Federação tanto na delimitação e categoria de seus elementos como na respectiva toponímia. Com esse decreto, os municípios só poderiam ser emancipados de cinco em cinco anos. Foi o que aconteceu com Chaval, que teve através da lei estadual nº 1.153, de 22 de novembro de 1951, no governo de Dr. Raul Barbosa, sua emancipação política, sendo separada do território e da administração do município de Camocim. Além de Chaval, outros municípios também foram emancipados por essa mesma lei, conforme nos aponta Mozart Aderaldo (2012, p.22):

A lei estadual nº 1.153, de 22 de novembro de 1951 publicada no Diário Oficial do Estado de 1º de março de 1952, fixou nova divisão territorial, a vigorar, sem alteração, até dezembro de 1953. Foram criados, por ela, 16 novos municípios – Barro, Beberibe, Capistrano, Cariús, Chaval, Frecheirinha, Iracema, Itatira, Jati, Marco, Meruoca, Mons. Tabosa, Paracurú, Porteiras, São Luiz do Curú e Trairí, em sedes distritais até então pertencentes a outros municípios. [...] Chaval separou-se de Camocim, não se compondo de outro distrito além do que serve de sede municipal [...]

Pouco mais de vinte anos depois, teremos uma mulher na presidência da Câmara Municipal de Chaval, a professora Clara Damasceno Miranda Carneiro, que atuou na cidade na década de 1970. Assim como a cidade, as mulheres de Chaval começam a se emancipar e participar ativamente da política local.

Primeiro eu vi o lado que mulher nenhuma se entrosava, não tinha ninguém, e nessa época eu estava ainda estudando, eu fazia o oitavo ano, eu fazia a oitava série em Parnaíba, não nessa época eu já fazia era o terceiro ano do pedagógico lá em Parnaíba. Aí fui vendo que precisava a gente incentivar o outro lado, que era só homem, homem, homem. Aí eu comecei, com o apoio do Pântico, que ele nessa época estava fundando o sindicato. Aí eu me entrosei. Eu tinha 23 anos, era a segunda vez que eu votava. Na época ele era vereador, tinha sido vereador, estava no final do mandato dele, aí ele não se lançou mais, ele foi fundar sindicato. [...] o partido era o PMDB, chamavam MODEBA, era oposição a ARENA. Todos me tratavam muito bem, tinha muito respeito e apoio. [...] ³⁹

Através dos relatos dos moradores de Chaval, compreendemos que a década de 1950, marcou uma nova fase na cidade, trazendo algumas mudanças no setor religioso, com a inauguração da nova Matriz de Santo Antonio, no setor social, com a inauguração da iluminação pública, no setor econômico com o desenvolvimento das salinas e nos setor político com sua emancipação. O senhor Antonio Firmino nos fala como se deu o processo de iluminação pública na cidade.

Me lembro que o Monsenhor Carneiro fez pedido de um motor pra cá, pra Chaval, pra abastecer Chaval de energia. Então, quando era nove horas, dava o primeiro sinal para todo mundo ir para suas casas. Quando era nove meia, é nove meia, dava o outro, quando era dez horas se apagava.¹⁹

Segundo Eduardo Santos (2005, p.24) as primeiras referências de iluminações públicas no Brasil aconteceram no Rio de Janeiro no final do século XVIII, então capital da colônia. A luz, nesse primeiro momento, era produzida com a queima do óleo de peixe ou de velas de cera. Assim nos fala Marcos Góis (2012, p,4)

[...] Tampouco, podemos falar em vida noturna no Rio de Janeiro colonial, tendo em vista que a iluminação se resumia aos lampadários e oratórios suspensos em alguns edifícios religiosos e em esquinas de ruas importantes da cidade. Estes suportes para a luz eram acesos para cerimônias religiosas ou em noites em que não havia lua cheia e resultavam basicamente da iniciativa de moradores da cidade, podendo ser a luz oriunda da queima do óleo de peixe ou de velas de cera. [...]

A iluminação pública, nas pequenas cidades do interior do estado do Ceará na segunda metade do século XX, representava o ideal de progresso, provocava grandes

19 Antônio Firmino da Costa, 63 anos, ex-salineiro e servidor público. Entrevista concedida em 12 de nov. de 2011. Chaval-CE.

transformações no cotidiano da população da cidade, que aos poucos ia ganhando a possibilidade de ter uma vida noturna. A senhora Clara Damasceno nos fala da passagem da iluminação a gás para iluminação elétrica

Na minha época já tinha iluminação pública, aquela a óleo, o motor ligava seis horas, dez horas desligava. Que é ali naquela casinha que tem em cima da pedra, de lado com o Carlinho, que algum tempo foi delegacia. Com o passar do tempo, passou a ter a noite quase toda, até meia noite tinha energia, de seis a doze, depois veio à inauguração dessa hidrelétrica do Paulo Afonso, aí o Murilo conseguiu pra cá. [...] Os postes era parecido com esses aí, só que era madeira, tinha um braço da madeira e tinha a lâmpada. [...] o governador Virgílio Távora veio inaugurar a energia vinda do Paulo Afonso, isso em oitenta e uns quebrados.⁴²

Sobre os lugares de diversão da juventude, cada entrevistado tem seu local específico, até porque alguns se encontram em épocas e contextos diferentes. O senhor Antônio Firmino diz que a praça central era o lugar para encontros e conversas, para o senhor Antônio Duarte a diversão estava em ir aos festejos das localidades vizinhas, para dona Clara Damasceno as conversas nas casas das amigas, já o senhor Humberto fala do clube Barbarela, que durante quinze anos embalou as noites de muitos jovens chavaleses, o senhor José Ilson recorda as tertúlias do Kelp club.

Outro momento de diversão e devoção na cidade são os festejos tradicionais de Santo Antônio, padroeiro da cidade, que ocorre no mês de junho, e o de Nossa Senhora de Lourdes, que acontece no mês de novembro. As festividades populares no Brasil relacionadas à religiosidade são comumente nomeadas de "festas de padroeiro", um momento normalmente caracterizado por manifestações coletivas públicas, rituais e reverendas em homenagem ao santo, renovação de crenças e o fortalecimento da fé pelos devotos.

As memórias do senhor Tadeu Durval e da senhora Socorro Araújo nos falam o quanto foi trabalhoso a construção da gruta onde, atualmente, se encontra a imagem de Nossa Senhora de Lourdes.

Lembro só que não é do meu tempo, mas a gruta, a construção da gruta, o pessoal ajudaram muito levando material pra fazer daquela gruta em cima daquela pedra, do mesmo jeito é a matriz de Santo Antônio. A população ajudava muito, naquele tempo era difícil carroça, carro de mão nem se falava, tudo era braçal mesmo,

botava tijolo era em jumento, uns gradeadozinhos que eles usavam no caixão e levavam a pedra, o tijolo, e o pessoal também no ombro.²⁰

Nós trabalhamos muito, nós levava telha, ora telha, levava tijolo, levava a pedra. É iam levando, cada qual levava um tanto e deixava lá, levava um tanto e deixava lá, era assim todo tempo, até o engenheiro fazer.²¹

A gruta foi construída por volta dos anos 1950, logo após a conclusão da Igreja Matriz de Santo Antônio²², a pedra que existia no centro da cidade serviu como alicerce para a construção do santuário. Do alto da “pedra da gruta”, como é conhecida pela população, avistamos as belezas naturais da cidade, e percebemos o quanto a cidade cresceu.

Todos os entrevistados relatam ao serem indagados sobre o que aprenderam na escola sobre a cidade, lembram inicialmente da figura do padre fundador e da escolha do nome que foi dado ao local. Nas palavras do senhor Tadeu Durval, escritor de cordel da cidade, ele nos fala:

Tem muita coisa sobre Chaval, por exemplo, Chaval, todo mundo sabe o nome de Chaval, o primeiro nome só sabe Chaval, mas antes disso Chaval teve outro nome, Santo Antonio de Iboçu, tem na fundação de Chaval. Santo Antonio de Iboçu foi o primeiro nome de Chaval, por quê? Porque o padre veio de Iboçu, o padre Antonio e achava bonito esse nome, e Santo Antonio de Iboçu, lá em Iboçu era a fazenda do pai dele também, aí ele colocou Santo Antonio de Iboçu, o primeiro nome, depois que acharam a chave mudaram pra Chaval. [...] Bem aqui no Salgadinho, perto da ponte do porto, aqui nessa beirada aqui acharam. Antigamente chamava Bosque Velho.²³

Já o senhor Humberto, possuiu outra narrativa do fato:

Eles acharam um monte de chave, que isso deu origem ... Na emigração dos holandeses que ocupavam Pernambuco, Chaval, o Ceará, pertencia a Pernambuco. Então, quando os Portugueses conseguiram dominar os holandeses, lá já estava bem desenvolvido. Como conseguiram dominar os holandeses, eles fugiram para não serem mortos. Fugiram, e muitos vieram por aqui. É tanto que os historiadores sempre falam de crianças louras, os holandeses todos são louros, crianças louras aqui espalhadas pelo interior aqui do Ceará, principalmente a

20 Antônio Durval Filho, 52 anos, poeta cordelista. Entrevista concedida em 13 de nov. de 2011. Chaval-CE.

21 Maria de Socorro de Araújo, 68 anos, professora aposentada. Entrevista concedida em 15 de nov. de 2011. Chaval-CE.

22 A primeira capela de Santo Antônio foi erguida por volta de 1874. Nos anos de 1925, devido o crescimento demográfico local foi preciso demolir a primitiva capela para construção, no mesmo local, de um templo maior. No ano de 1940, Chaval tornando-se sede paroquial, Monsenhor Carneiro idealiza a construção de uma nova

23 Antônio Durval Filho, 52 anos, poeta cordelista. Entrevista concedida em 13 de nov. de 2011. Chaval-CE.

parte norte que era a parte mais distante do Ceará era essa aqui. E se for hoje ali pra Passagem, ali antes da Passagem, você vê muitas crianças, muitas famílias louras. E inclusive eles esconderam em umas pedras daqui das Cruvuadas [...] E lá o sogro de meu pai, pai da primeira mulher dele, ele ia caçar ali, apareciam onças, onças perigosas, mas elas só atacam se você mexer com elas, e lá tem muita furna, Você pensa que ali não tem quase nada, mas você entre a direita, daqui para o Retiro, você entre a direita, você vê muita coisas, muitas furnas, tem até um açude lá. Aí ele ia caçar por lá e encontrou um dia, uma penca de chaves, pegou cortou uma vara e pelejou para puxar aquela, alias, estava dentro de uma turrina, e ele chegou a quebrar essa turrina, levou uma orelha da turrina, conseguiu puxar, mas ela ficou lá, [...] e ai ele disse quando voltou, ele se perdeu na mata, lá era uma mata fechada, se perdeu, aí ele saiu cortando aquelas varas pra saber o caminho, saiu cortando aquelas varas, se perdeu, saiu ainda perdido, e conseguiu ... veio pra cá, daqui que ele foi pra (risos). Eu acho que é isso a origem de Chaval.²⁴

E Senhor Goiabeiro nos fala das histórias contadas pelo seu pai adotivo, monsenhor Carneiro.

[...] inventaram de fazer uma roça, fizeram uma roça, pegando o lado da biquara, por lá culá tudinho, foram até perto do mercado, foram ate mais adiante, quando queimaram a roça, plantaram, quando o mato tava bom de capinar foram capinar acharam uma penca de chave, doze chave, lá onde hoje em dia é a praça ali [...] desse tamanho a chave, grossa a chave, grossona. Sabe onde essas chaves tão? Na diocese de Sobral. [...] Ta lá. Meu padrinho tinha elas aqui. Ele tava em Viçosa com ela no papel ou é madeira, não sei o que era, e elas metido um arame [...] tudo em pezinha assim as chaves, e ele contava essa mesma historia lá. [...] Ele contava para o pessoa lá, pessoal de Viçosa, aqueles mais velhos que conversava com ele. - “Padre e essa chave?”. Meu padrinho contava a história. Ai foi passando, passando, quando nós viemos pra cá ele ainda trouxe parece que ainda bem umas 4 chave dessas. Depois que ele fez essa igreja aí o Dom José andou aqui, mode a festa jubilar, aí disse, ele chamava meu padrinho era Carneiro. - “Carneiro, olha eu vou me embrora, não sei quando é que eu ainda venho aqui, mas tu vai me dá uma coisa que eu vou te pedir, porque eu tenho o direito de lhe pedir, você vai me dá essas chaves aí pra eu levar lá pra paróquia, vou guardar lá na Diocese”. Aí levou, meu padrinho deu. Pra que ele queria né? Só pra provar. Pois foi encontrado 12 chaves aí. Quem foi que perdeu essas chaves rapaz naquela época? Tudo encangadinho, amarrado com um material muito importante, quantos anos não fazia e ainda tava do mesmo jeito, né? [...] Botaram o nome Chaval, só por causa disso aí botaram o nome de Chaval. [...] ²⁵

Para o poeta Tadeu Durval as chaves que dão nome a cidade foram encontradas no porto de Chaval, no bairro do Salgadinho; já para o senhor Humberto foram encontradas em meio as furnas existentes próximas a cidade; para senhor Goiabeira foram encontrada onde

24 Humberto Thiers Carneiro, 78 anos, químico e proprietário de salina. Entrevista concedida em 15 de nov. de 2012. Chaval-CE.

25 Raimundo Flor Felisberto dos Santos, 86 anos, aposentado. Entrevista concedida em 08 de set. de 2012. Chaval-CE.

hoje fica o centro da cidade. De fato, o símbolo da chave aparece nas três narrativas e é utilizada para justificar o nome dado a cidade. Alguns documentos escritos apresentam varias hipóteses para justificar o nome Chaval, e neles também aparecem o achado do molho de chaves.

Aos poucos “o narrador, como vimos, conta o processo, a travessia, e não apenas o desfecho, o resultado, e oferece, em suas narrativas, relações pouco exploradas ou, por vezes, perdidas no tempo” (SIMAN, 2008, p.263). A cidade vai ganhando forma, cheiro e cor nas narrativas de seus moradores. Como nos fala MATOS (2002, p.36)

Toda cidade é uma cidade-documento, a passagem urbana vai-se impondo como um documento a ser lido, como um texto a ser decifrado. Cabe ao investigador entender esse emaranhado de tempos-espacos e memórias, recuperar as várias camadas e as relações entre elas decifrando seus enigmas, como uma arqueologia social da cidade.

Através das memórias reveladas dos moradores, conseguimos pensar e reescrever a história local. Conforme o desenrolar das narrativas, os entrevistados citam lugares, pessoas, costumes e conhecimentos que a história oficial não aprecia. Com o uso das fontes orais, conseguimos uma aproximação do aluno com fazer histórico, inserindo-o na história como agente ativo, incentivando-o a analisar o passado e refletir o seu meio social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa procurou mostrar as possibilidades de ensinar e aprender história utilizando como metodologia a história local. A aproximação dos alunos com o espaço histórico, que é a cidade, permitiu o reconhecimento de que a história não é um assunto morto, que aconteceu há muito tempo, pelo contrário, a história é uma narrativa viva, refletida no cotidiano da sociedade. Através das memórias dos moradores da cidade de Chaval-CE, podemos conhecer e produzir outras narrativas sobre a cidade.

FONTES ORAIS

Antônio Durval Filho, 52 anos, poeta cordelista. Entrevista concedida em 13 de nov. de 2011. Chaval-CE.

Antônio Duarte da Silva, 65 anos, ex-salineiro e servidor público. Entrevista concedida em 13 de nov. de 2011. Chaval-CE.

Antônio Firmino da Costa, 63 anos, ex-salineiro e servidor público. Entrevista concedida em 12 de nov. de 2011. Chaval-CE.

Clara Maria Damasceno Carneiro Miranda, 64 anos, professora aposentada. Entrevista concedida em 09 de set. e 28 de out. de 2012. Chaval-CE.

Humberto Thiers Carneiro, 78 anos, químico e proprietário de salinas. Entrevista concedida em 15 de nov. de 2011. Chaval-CE.

José Ilson Sotero de Araújo, 58 anos, ex-salineiro e comerciante. Entrevista concedida em 31 de dez. de 2012. Chaval-CE.

Maria de Socorro de Araújo, 68 anos, professora aposentada. Entrevista concedida em 15 de nov. de 2011. Chaval-CE

Raimundo Flor Felisberto dos Santos, 86 anos, aposentado. Entrevista concedida em 08 de set. de 2012. Chaval-CE.

REFERÊNCIAS

ADERALDO, Mozart Soriano. **Considerações três últimas reformas administrativas Ceará**. 1951.

ARAÚJO, Ionnara Vieira de; TÁRREGA, Maria Cristina V. Blanco. Apropriação de terras no Brasil e o instituto das terras devolutas. **RFD - Revista da Faculdade de Direito** da UERJ, v.1, n. 19, jun./dez 2011.

BARBOSA, Vilma de Lurdes. Ensino de História Local: redescobrimo sentidos. **SAECULUM – Revista de História**, João Pessoa, p. 57-85, jul./dez. 2006.

BATISTA, Antônio Juscelino. **História Local, Ensino e Pesquisa em Busca de Outras Memórias de Salgado**. Disponível em <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2537-8.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2011.

BITTENCOURT, Circe. M. F. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembrança dos Velhos**. 3°. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. LDB: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. 6. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011.

DONNER, Sandra Cristina. História Local: uma busca sobre Possibilidades conceituais e teóricas. **Revista Expedições: Teoria da História & Historiografia**, v.3, n.4, julho 2012.

GÓIS, Marcos Paulo Ferreira de. A iluminação do espaço público carioca. In: **Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos**, 2010. Porto Alegre.

MARQUES, Renato Neves. **Histórico sobre os limites do litoral do Piauí com o Ceará**. Disponível em <<http://www.proparnaiba.com/artes/historico-sobre-os-limites-do-litoral-do-piaui-com-o-ceara.html>>. Acesso em: 10 mar. 2011.

MARTINS, Padre Vicente. Noticia historico-chorographica da comarca de Granja. **Revista Instituto do Ceará**. 1911. Disponível em:<http://portal.ceara.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=33669&catid=463&Itemid=101>. Acesso em: 08 dez. 2012.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura**: história cidade e trabalho. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2002.

NIKITIUK, Sonia M. Leite (Org.). **Repensando o ensino de história**. 4. Ed. São Paulo, Cortez, 2001.

ORIÁ, Ricardo. Fortaleza: os lugares de memória. In: SOUZA, Simone (Ogr.). **Uma nova História do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

PASAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PASSOS, Caio. **Monsenhor Carneiro** – sua vida, sua obra. S. l.: s.n. 1980. Paulo: Cortez, 2004.

PESSOÁ, Geminiano de Pinho. Biografia do Monsenhor José Carneiro da Cunha, no seu centenário de nascimento. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, n. 100: p. 242-248. jan./dez. 1980.

PIRES, Selma de Oliveira B. (Org.). **Educação patrimonial**: memórias e identidades da Cidade de Goiás, patrimônio pra quê te quero. Goiânia: Superintendência do Iphan em Goiás, 2010.

PONTES, Lana Mary Veloso de. **Formação do Território e Evolução Político-Administrativa do Ceará**: a questão dos limites municipais. Fortaleza: IPECE, 2010.

PRINSKY, Jaime (Org.). **O ensino de história e a criação do fato**. São Paulo: contexto, 2009.

RODRIGUES, Neidson. **Por uma nova escola: o transitório e o permanente na educação.** São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1992.

ROSADO, Vingt-Um; ROSADO, América (Orgs.). **O território do sal: a exploração do sal marinho e a produção do espaço geográfico no Rio Grande do Norte.** Disponível em: <http://www.colecaomossoroense.org.br/acervo/o_territorio_do_sal.pdf>. Acesso em: 17 out. 2012.

SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. **Cidade Vermelha: a militância comunista em Camocim-CE (1927-1950).** 2. ed. Sobral: Edição do autor, 2011.

SANTOS, Eduardo R. dos. **Iluminação pública como elemento de composição da paisagem urbana.** 2005. f.109. Dissertação (Arquitetura) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curitiba, 2005.

SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. In: **Revista Brasileira de História.** v. 9, n.19, p. 219-242, set. 1989 / fev. 1990.

SANTOS, Ruth Rodrigues. **Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha: compreendendo símbolos.** Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/festa-do-pau-da-bandeira-de-santo-antonio-de-barbalha-compreendendo-simbolos/34388/>>. Acesso em: 26 de outubro de 2011.

SCHMIDT, Maria A.; CAINELLI, Marlene. **Ensinar história.** São Paulo: Scioption, 2004.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora M. S; BARCA, I. **Aprender História: perspectivas da educação histórica.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

SHIEH, Cynthia Lushien. **O que ensinar nas diferentes escolas públicas primárias paulistas: um estudo sobre os programas de ensino (1887-1929).** 2010. 183 f. Dissertação (Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SIMAN, Lana Mara de Castro. Memórias sobre a história de uma cidade: a história como labirinto. In: **Educação em Revista.** Belo Horizonte, n.47, p.241-270, jun. 2008.

SOBRINHO, Th. Pompeu. **Índios Tremembé.** Disponível em: <<https://institudoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1951/1951-IndiosTremembes.pdf>>. Acesso em: 08 dez. 2012.

TOLEDO, Maria Aparecida L. Tursi. História local, historiografia e ensino: sobre as relações entre teoria e metodologia no ensino de história. **Antíteses,** v. 3, n. 6, p. 743-758, jul.-dez. de 2010.